



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante  
cerimônia em comemoração ao Dia Nacional da Imigração Judaica**

**Rio de Janeiro-RJ, 18 de março de 2010**

“Ao excelentíssimo senhor vice-presidente da República, José Alencar Gomes da Silva, o reconhecimento da comunidade judaica do Brasil pela promulgação da Lei nº 12.124, que criou o Dia da Imigração Judaica”. Muito Obrigado.

Excelentíssimo senhor Ruy Schneider, ilustre presidente do Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro,

Excelentíssimo senhor Cláudio Lottenberg, meu estimado amigo, presidente da Confederação Israelita do Brasil,

Excelentíssima senhora Léa Lozinsky, presidente da Federação Israelita do Rio de Janeiro, em nome de quem saúdo todos os dirigentes e integrantes da Federação,

Excelentíssimo senhor Carlos Minc, ministro de Estado do Meio Ambiente,

Excelentíssimo senhor senador Marcelo Crivella, representante do Rio no Senado Federal. Aliás, grande representante do Rio e grande senador da República.

Excelentíssimo senhor deputado federal Marcelo Itagiba e ilustres membros de sua família aqui presentes,

Excelentíssimo senhor deputado federal Miro Teixeira, que eu, quando o encontro, sempre me lembro de que ele é o meu mais ilustre vizinho do Rio de Janeiro. Moramos no mesmo prédio, e isso é bom para mim.

Excelência reverendíssima, padre Jesus Hortal, magnífico reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,



Excelentíssimas autoridades. Há aqui deputados federais vários, além do Miro, o Cunha Bueno e outros que não estou me lembrando aqui, no momento, mas quero cumprimentar a todos, deputados federais, deputados estaduais aqui presentes, vereadores, demais autoridades, representantes dos Poderes, não só do Executivo, como do Legislativo, como do Judiciário.

Senhoras e senhores,

Eu, hoje, pude compreender um pouco melhor por que razão os judeus são tão respeitados, aqui e alhures. Ouvindo a dissertação aqui trazida por vários oradores, todos trouxeram ensinamentos e informações valiosas para quem tem aprendido a admirar e a respeitar cada dia mais esse grande povo.

Eu tenho dito às vezes para minha mulher, para os meus filhos e até para os meus netos... Porque nós temos netos de trinta anos, temos netos de vinte anos, temos netos de dez anos também; e temos a bisneta também, uma bisneta, a Maria. Então... mas a Maria ainda não pode, porque ela está com um mês, mas os outros todos já ouvem de mim: prestem atenção, vocês vão se deparar com muita coisa na vida, mas há, naturalmente, aquela certeza de que nós todos somos de um país de raça miscigenada. Nós temos uma característica própria, nesse sentido. O Brasil não tem discriminação racial e abomina a discriminação racial. E os judeus também abominam. E nós sabemos o que foi, o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial.

Agora, esta semana, presidente Lula depositou uma corbelha de flores no mausoléu de homenagem ao holocausto, de recordação do holocausto. Pois bem. Ele, à noite, me ligou – lá era meia-noite e vinte, aqui eram sete e vinte; mas lá era meia-noite e vinte –, ele me ligou para me contar do contentamento que ele sentiu quando foi recebido em Israel. A lhaneza com que foi recebido, a forma cavalheiresca e também de estima ao nosso país. Ele ficou muito satisfeito. Tanto que ele me ligou, de certa forma, emocionado como foi recebido em Israel. Aquilo, como se fosse uma recomendação de que vamos



também, no Brasil, procurar fazer alguma coisa que possa representar uma recíproca desse tratamento que o Brasil mereceu aqui em Israel. Isso é muito importante.

Eu, quando sancionei esta Lei que está sendo comemorada hoje, porque é o Dia do Imigrante Israelita, esta Lei, foi um privilégio para mim sancioná-la. Eu ouvi aqui, humildemente, os agradecimentos pela sanção. Mas a verdade é que eu não sou presidente da República, eu sou vice-presidente. E, coincidentemente, caiu para mim, pelo fato de estar na Presidência naquele dia, a sanção desta Lei. E o fiz com muita honra para mim. E quero dizer aqui, de público, aqui no Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro, quero dizer que, para mim, foi um privilégio e uma coincidência muito feliz, de ter podido registrar o meu nome, na presidência interina, sancionando esta Lei, que é de autoria do nosso querido amigo e ilustre deputado, representante do Rio de Janeiro na Câmara Federal, deputado Marcelo Itagiba.

Então, é muito bom que eu tivesse vindo aqui hoje. E quero agradecer muito a homenagem que vocês me prestam. Quero dizer para vocês que, a cada dia que passa, eu sou o maior admirador de vocês. Vocês têm realizado um trabalho... E hoje as informações foram amplas, desde quando o Brasil foi descoberto. Provavelmente, vocês tenham ajudado naquele episódio da linha das Tordesilhas e tenham ajudado a ampliar o território brasileiro. Eu não tenho dúvida. Porque foi citado aqui alguns nomes de judeus: Silveira, Oliveira... Mas não disseram Silva, Silva também pode ser judeu. E eu sou Silva. Pode ser.

Mas, de qualquer forma, a cada dia que passa, repito, eu sou mais amigo de vocês. E podem estar certos: nunca tive uma decepção com nenhum judeu. Sou homem de negócios, durante mais de meio século, porque me estabeleci prematuramente, aos dezoito anos. Mas já era bom negociante. Porque... conto para vocês: quando saí de casa, aos quatorze anos de idade, fui trabalhar na cidade. E o meu patrão disse que ia me pagar trezentos cruzeiros. Eu fiquei encantado, porque, naquele tempo, ainda que já houvesse



o cruzeiro – porque o cruzeiro foi criado em [19]42, Estado Novo, tempo do Getúlio Vargas. E isso foi em [19]46; [19]45, [19]46 –, trezentos mil réis, ainda se falava. Vou lhe pagar trezentos mil réis. E já eram trezentos cruzeiros. Porque a moeda era o Real, só que o plural não era “reais”, era “réis”. E pode ser. Qualquer dicionário bom registra que plural de Real pode ser “réis”. E naquele tempo era “réis”. E a moeda, era um mil réis, passou a ser um cruzeiro. Então, naquele tempo, em 1942, foram cortados três zeros da moeda.

Pois bem, mas eu vou ganhar 300 mil réis. Mas não sabia onde ia ficar, mas imaginei, muito tolo, imaginei que o meu patrão fosse me levar para morar em sua casa. Eu era um menino, de 14 anos. Então, mas em um determinado momento, ele me perguntou: “Você tem pessoas da sua família aqui?”. Eu não tinha, não tenho. “E onde é que você vai morar?” Falei: “Não sei”. Então, ele disse assim: “Você vai morar no Hotel da Estação”. Era um hotel que ficava relativamente próximo do estabelecimento, e ficava em frente à estação da estrada de ferro. “Lá tem uma senhora, que é a proprietária, dona Maria”, o sobrenome era Cantamissa, dona Maria Cantamissa, ela me parece que era de origem italiana. E eu, então, fui para lá: “Quero falar com a dona Maria Cantamissa”. Minha fortuna estava numa malinha de madeira muito rota, ali havia três mudas de roupa, era tudo o que eu tinha, meu sapato era furado. Naquele tempo se punha muita meia-sola em sapato.

Então eu fui: “Dona Maria, eu vou trabalhar na empresa Souza e Irmão, aqui na Praça João Pinheiro, meu nome é José Alencar Gomes da Silva. E o senhor Geraldo Magela de Souza, que é um dos donos, me indicou o nome da senhora para que eu viesse aqui, porque ele gostaria que eu morasse aqui no hotel da senhora”. Ela olhou para mim – nós estávamos de pé, assim, em frente à estação da estrada de ferro –, falou assim: “Mas, meu filho, você quer morar no meu hotel?” Eu: “Dona Maria...”. “Quanto você vai ganhar?” Eu falei grosso: “Trezentos mil réis”. Ela disse assim: “Ah, meu filho, você não tem como morar no meu hotel. Primeiro, porque eu não gosto de mensalista, eu



trabalho com viajantes, que pagam em diárias. Eu só tenho um mensalista, mas isso é uma honra para mim, porque ele é o contador do Banco Mineiro da Produção”. A conversa dela era essa. “Ele paga 420 por mês. Quanto você vai ganhar?” Eu falei grosso: “Trezentos mil réis”. E ela: “Você não pode morar aqui”. E nós na janela, a estação da estrada de ferro em frente, do outro lado da rua. Então, eu disse assim: “Dona Maria, e café da manhã, almoço e jantar, por quanto a senhora pode me fazer?” Ela foi matriarca e disse assim: “E aonde você vai morar?” Eu tinha pensando, quando fiz a pergunta, em uma contra loja, da loja onde eu ia trabalhar, onde se guardava capas de quadro, papel, aquelas coisas, caixote vazio. Eu arranjo uma cama ali, o senhor Geraldo me deixa dormir ali, é perto, eu venho aqui, faço as refeições e volto. Eu pensei nisso, mas não falei com ela... E ela perguntou: “E onde você vai morar?” Eu mostrei a estação da estrada de ferro, plataforma, tinha uns bancos: “Eu posso dormir em uns daqueles bancos. A senhora me deixa guardar a minha malinha aqui. Eu vou usar o banheiro...” Lá era banheiro era coletivo, não tinha... não era apartamento, com banheiro em cada quarto, era um banheiro no fundo do corredor, tinha vários quartos. “Eu venho, me utilizo do banheiro, mudo a minha roupa, deixo ela aqui” Ela pegou a minha mão – eu era um menino de 14 anos – e entrou pelo corredor do hotel. Lá na frente fazia um ângulo assim, de 90 graus, e tinha um canto onde não havia porta de quarto, aí em um espaço de uns 2 metros de cada lado. Então, ela disse assim: “Eu tenho um catre velho aí, eu mando armá-lo aqui para você. Você concorda em morar aqui?” Catre é cama não é? Então, eu falei assim: “Concordo, mas nesse caso quanto à senhora vai me cobrar?” Ela já sabia, porque eu já tinha dito que eu ia ganhar 300 cruzeiros. Então ela pensou um pouco, falou assim: “280”. Eu falei assim: “Dona Maria, dona Maria, mas a senhora pode me fazer um preço melhor, afinal de contas eu vou morar no corredor”. Então ela riu muito, e falou assim: “250”. Eu falei assim: “200”. Ela disse assim: “Olha, o



melhor preço que eu posso fazer é 220.” Falei assim: “Está bem, com roupa lavada, com roupa lavada”.

Pois bem, assim combinamos e eu viabilizei o meu orçamento aos 14 anos de idade. Se eu pedisse ao papai, que me complementasse – eu sou o 11º filho de uma família de 15 – se eu tivesse pedido ao papai que complementasse para mim, porque eu ia ganhar 300, mas o hotel cobrava 420, o papai iria me ajudar, com sacrifício, porque ele era pobre, mas ele teria um grande prazer de me ajudar. Mas eu tive o grande prazer de nunca deixar de mandar a cada mês um presentezinho para a minha mãe, ainda que fosse uma caixinha de três sabonetes. Todo mês eu mandava para ela um presente, porque aquilo era uma forma que eu tinha de dar à mamãe a alegria de saber que eu estava ganhando bem, que eu estava com a vida organizada. E me orgulhava de morar naquele corredor. Minha malinha ficava debaixo da cama, tinha uma chavinha, com um barbante eu amarrava, assim, no cinto, botava no “bolsosinho”, e andava com aquela chavinha. Eu ia tomar banho, minha mãe recomendou: “Compra um tamanco, porque esses banheiros de hotéis são muito sujos”. Então, eu ia de tamanco e tomava banho em cima de um tamanco, no chuveiro. Então, minha vida começou assim.

Então, quando eu venho ao Grande Templo Israelita do Rio de Janeiro e recebo uma homenagem de vocês, me fez... Eu, quando estava sentado, ouvindo vocês, me fez lembrar, obviamente, desse tempo. E eu me atrevi a contar para vocês aqui, tomando o tempo precioso de vocês, mas fiz isso com prazer, porque eu me sinto um de vocês, com muita honra para mim, porque vejo que vocês têm sido brasileiros desde os primeiros momentos, desde quando aqui chegou Pedro Álvares Cabral. E vocês devem fazer uma pesquisa porque, muito provavelmente, vocês tenham tido participação nas entradas para levar as fronteiras do Brasil ao sopé dos Andes, ampliando, passando muito além das Tordesilhas.



Isso é muito bom para que todos nós saibamos, para que todos os brasileiros passem a ver vocês como verdadeiros irmãos e como gente que respeita ao próximo e sabe se conduzir e se valorizar e que também é um exemplo para todos nós. Isso é muito bom, essa unidade que vocês construíram na comunidade judaica no Brasil, essa unidade – no Brasil e no mundo inteiro –, essa unidade deveria ser motivo também de observação de todos nós, para que tenhamos, ou para que tivéssemos essa unidade, no mínimo, em cada família brasileira. Então, é um exemplo maravilhoso que vocês trazem à vida de cada um de nós.

Muito obrigado pela forma com que vocês me receberam, pela homenagem que me conferiram aqui, agora. Fico muito agradecido. E quero dizer para vocês: meu gabinete em Brasília é uma extensão dessas nobres causas que vocês defendem. Tudo aquilo que eu puder fazer, eu estarei cumprindo com o meu dever perante um povo que tem participado da vida brasileira desde os primeiros momentos. E participado com liderança, porque o judeu é um líder nato. O judeu é um líder nato. Todo judeu é empreendedor e negocia melhor do que eu negocie no hotel, lá, com a dona Maria.

Então, muito obrigado a vocês e que Deus os ajude.

(\$22A)